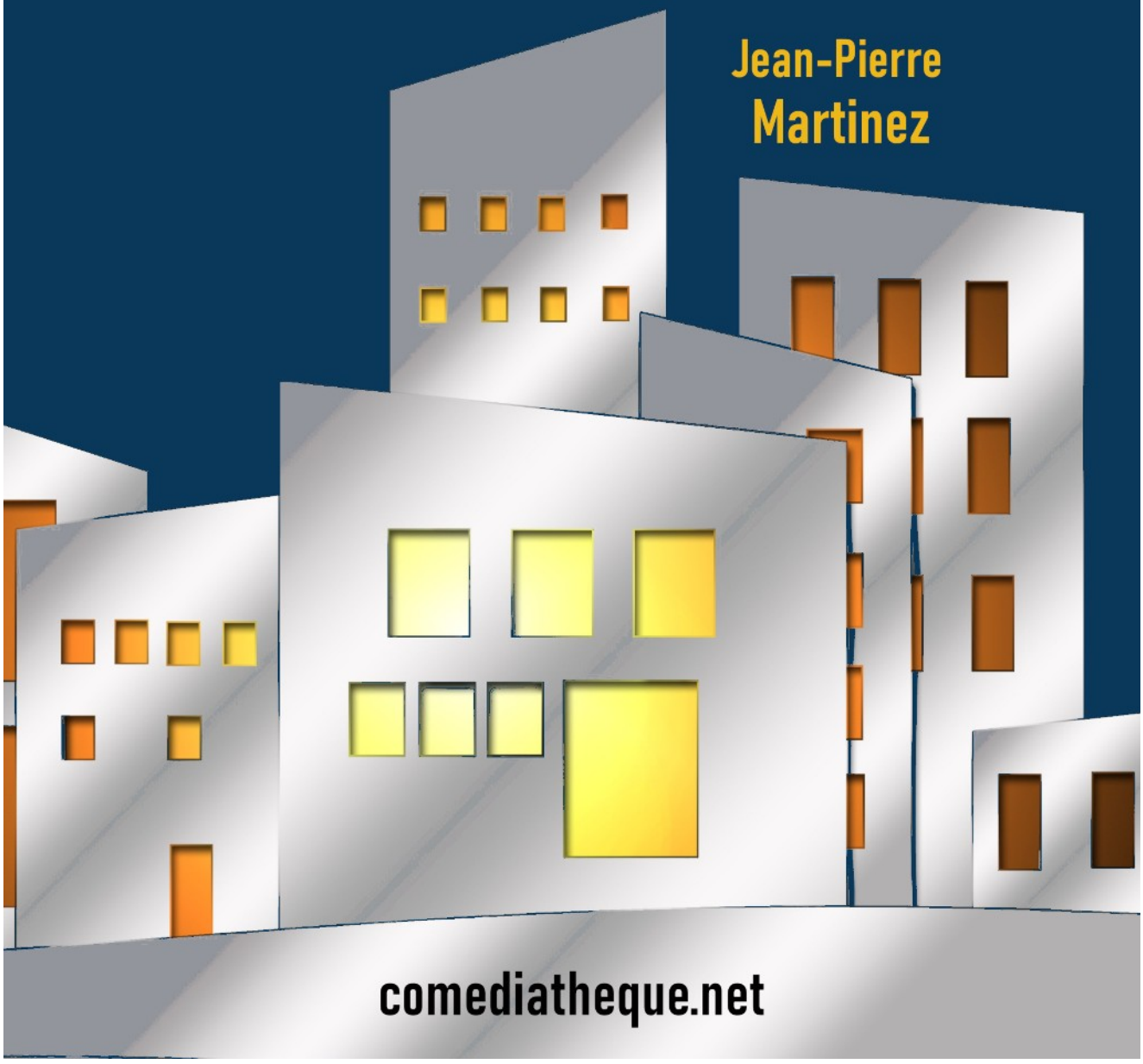
La Comédiathèque

A CASA DOS NOSSOS SONHOS

Jean-Pierre Martinez



comediatheque.net

**Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente.
Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização:
https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/**

A Casa dos Nossos Sonhos

Conto de Trás para a Frente

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Um casal acaba de comprar a casa dos seus sonhos por um preço surpreendentemente baixo. O que terá acontecido ali para que ninguém a quisesse comprar antes? Os anteriores proprietários morreram em circunstâncias tão dramáticas como misteriosas... Um conto filosófico narrado de trás para a frente sobre o destino tragicómico da humanidade em geral e do casal em particular.

Elenco variável, de 2 a 10 intérpretes
1H / 1M
2H / 2M
3H / 3M
4H / 4M
5H / 5M

© La Comédiathèque

ATO 5

Ela e ele estão sentados num jardim.

Ele – Esta casa é absolutamente perfeita.

Ela – Sim. É um autêntico paraíso.

Ele – E este jardim...

Ela – É o Jardim do Éden.

Uma pausa.

Ele – O Jardim do Éden é o paraíso?

Ela – Como assim?

Ele – O paraíso é para onde vamos depois de morrer, não é?

Ela – O Jardim do Éden é o paraíso terrestre. O paraíso perdido. Mesmo antes de Adão devorar todas as maçãs, Eva abater a macieira para fazer lenha e um dos filhos deles partir o crânio ao irmão com os troncos.

Ele olha para ela, um pouco surpreendido.

Ele – Tenho de voltar a ler a Bíblia, agora que tenho algum tempo.

Ela – Seja como for, é a casa dos nossos sonhos.

Ele – Sim. Exatamente o que queríamos.

Ela – Temos todas as lojas aqui ao pé.

Ele – Já para não falar das escolas.

Ela – É pena não termos filhos.

Ele – Assim, ao menos, não correm o risco de se matar uns aos outros.

Ela – Bem, se um dia a vendermos... a um casal com filhos...

Ele – E a casa está tão impecável.

Ela – Foi tudo renovado, da cave ao sótão.

Ele – As crianças sujavam isto tudo.

Ela – Parece nova.

Ele – Sim, totalmente renovada. E por este preço, imagina...

Ela – É verdade que nos saiu muito barata.

Ele – Uma casa destas.

Ela – Tão bonita e tão bem situada.

Ele – A tinta ainda está fresca.

Ela – É tudo tão branco... que até parece suspeito.

Ele – Suspeito?

Ela – Como se alguém tivesse querido apagar todos os vestígios de...

Ele – De quê?

Ela – Não sei.

Ele – Todos os vestígios de vida?

Ela – Todos os vestígios de sangue...?

Trocam um olhar inquieto.

Ele *(para se tranquilizar)* – Gosto muito desta casa.

Ela – Sentimo-nos tão bem aqui.

Ele – Sempre sonhei ter uma casa assim.

Ela – E agora o sonho tornou-se realidade.

Silêncio. A inquietação regressa.

Ele – Não ouviste qualquer coisa?

Ela – Ouvi...

Ele – O que foi?

Ela – Não sei.

Ele – Ou então sonhámos.

Ela – Vou ver.

Ela levanta-se e regressa pouco depois.

Ele – O que era?

Ela – A caixa do correio.

Ele – Uma carta?

Ela – Um folheto.

Ele – De que serve pôr um autocolante a dizer «Publicidade não, obrigado» na caixa do correio?

Ela – É um convite para a festa dos vizinhos.

Ele – Os vizinhos vão dar uma festa?

Ela – A festa dos vizinhos! Organiza-se uma vez por ano, na primavera. Põem-se mesas na rua e cada um leva qualquer coisa para comer e beber...

Ele – Ah, sim... A festa dos vizinhos... Portanto, deixam-nos um recado a avisar que vão fazer barulho.

Ela – Deixam-nos um recado a convidar-nos!

Ele – Convidar-nos? A nós? Mas nem sequer conhecemos esses vizinhos!

Ela – Agora que vivemos aqui, são os nossos vizinhos. É suposto conhecermo-nos.

Ele – Estou a ver... A festa dos vizinhos... Achas que devemos ir?

Ela – Não somos obrigados... mas talvez fosse melhor. O que achas?

Ele – Não sei...

Ela – Se quisermos começar a integrar-nos no bairro.

Ele – É verdade, não conhecemos ninguém.

Ela – Nem sequer conhecemos os antigos proprietários.

Ele – Também não saímos muito de casa.

Ela – Pois... Talvez devêssemos...

Silêncio.

Ele – A propósito dos vizinhos, sabes uma coisa?

Ela – O quê?

Ele – Pergunto-me se a vizinha não terá morrido.

Ela – O que te leva a pensar isso?

Ele – Não sei... *(Uma pausa.)* Para começar, o cheiro...

Ela – O cheiro?

Ele – Não sentes nada?

Ela – Não.

Ele – Mesmo sem ter um olfato muito apurado... Há qualquer coisa a apodrecer por aqui, garanto-te.

Ela – A sério?

Ele – E não é de agora. O cheiro é cada vez mais forte...

Ela – Mas quando dizes que há qualquer coisa a apodrecer... queres dizer um cadáver?

Ele – Não sei... Nunca tive ocasião de cheirar um cadáver. E tu?

Ela – Não. Quer dizer, sim, mas... não um que cheirasse assim tão mal.

Ele – Como o cheiro de um rato morto, se preferires.

Ela – Se calhar é um rato morto.

Ele – Ratos? Neste bairro? Duvido... É uma zona bastante abastada.

Ela – Um javali, então...? Ou uma corça... Uma vez comi carne de caça muito maturada num restaurante de luxo. Imagino que um cadáver tenha um sabor parecido.

Ele – Uma corça já em decomposição?

Ela – Não sei... Talvez o sabor... Mas o cheiro...

Ele – Parece vir da casa ao lado. Ou do jardim.

Ela – Como é que uma corça iria parar ao jardim da vizinha?

Ele – Sobretudo uma corça morta. Apesar de ser um bairro abastado, já não se pratica muito a caça a cavalo por aqui.

Ela – E, tirando o cheiro, o que te faz pensar que a vizinha pode ter morrido?

Ele – Nunca a vemos... As portadas estão sempre fechadas...

Ela – Talvez tenha ido de férias.

Ele – Há mais de três meses?

Ela – Porque não?

Ele – Com aquela idade, faz-se um cruzeiro de uma semana. Dez dias, no máximo.

Ela – Como sabes a idade da vizinha, se nunca a vimos? Aliás, como sabes que é uma mulher?

Ele – Não sei. Imaginei uma senhora idosa. A casa está um pouco degradada. E as mulheres costumam sobreviver aos maridos. Por isso, deduzi que...

Ela – Estou a ver...

Ele – Observação, dedução...

Ela – Se calhar foi fazer uma viagem muito longa. Ou está em casa dos filhos.

Ele – Durante três meses? Quem é que aguentaria ter a mãe em casa durante três meses?

Ela – Bem, admitamos... A vizinha morreu... Em casa... E só tu é que reparaste?

Ele – Sempre tive um olfato muito apurado...

Ela – A família teria estranhado o desaparecimento...

Ele – A família?

Ela – Os filhos.

Ele – E se não tiver filhos?

Ela – Toda a gente tem filhos!

Ele – Nós não temos...

Ela – O marido, então.

Ele – Ainda agora disseste que era provavelmente viúva...

Uma pausa.

Ela – Pronto... Então o que fazemos? Devíamos avisar a polícia...

Ele – A polícia?

Ela – Não vamos deixá-la ali, à espera que...

Ele – Comece a decompor-se?

Ela – Quanto tempo pode um corpo ficar assim antes de começar a cheirar?

Ele – Não sei se é boa ideia sermos nós a chamar a polícia.

Ela – Porquê?

Ele – Podiam suspeitar de nós.

Ela – Suspeitar de nós? De quê?

Ele – De a termos assassinado!

Ela – Achas que foi assassinada?

Ele – Não faço ideia... Acontece...

Ela – E porque é que haviam de suspeitar de nós?

Ele – Mudámo-nos para cá há apenas três meses, a vizinha morre por essa altura, e somos nós que avisamos a polícia...

Ela – Tens razão, podíamos arranjar problemas... Mas por que motivo haveríamos de matar a vizinha?

Ele – Há sempre boas razões para nos querermos livrar dos vizinhos, não há?

Ela – Que razões?

Ele – Para comprar a casa da vizinha, por exemplo.

Ela – Sim, mas...

Ele – Sobretudo se a tivermos comprado por renda vitalícia, pagando à proprietária até ela morrer.

Ela – Não me digas que compraste a casa da vizinha com uma renda vitalícia e que depois a mataste.

Ele – Claro que não! Onde é que foste buscar essa ideia?

Ela – Ainda bem...

Ele – Dito isto, até podia ser uma boa ideia.

Ela – Matar a vizinha?

Ele – Comprar a casa.

Ela – Para quê?

Ele – Para deixarmos de ter vizinha!

Ela – Estás outra vez a preocupar-me...

Ele – Sem vizinhos, sem festa de vizinhos.

Ela – Pois, claro...

Ele – De qualquer modo, se morreu, a casa deve ser posta à venda.

Silêncio.

Ela – Acho que começo a sentir um bocadinho esse cheiro...

Ele – Um cheiro a podre?

Ela – Sim, parece-me...

Uma pausa.

Ele – Não estás a dizer isso só para me agradar, pois não?

Ela – O quê?

Ele – Que sentes cheiro a cadáver.

Ouve-se a campainha da porta.

Ele – O que é agora? Estamos à espera de alguém?

Ela – Não.

Ele – Espero que não seja mais um convite.

Ela – Não conhecemos ninguém... Um convite para quê?

Ele – A Festa da Música, aquela em que há concertos gratuitos nas ruas?

Ela – É verdade, também não falta muito para essa festa.

Ele – Podiam juntar as duas.

Ela – Uma festa musical com os vizinhos...

Ele – Vou ver...

Ele sai. Ela fareja o ar, tentando detetar algum cheiro.

Ela – Não dava um bom cão-polícia. *(Ele regressa.)* O que era?

Ele – A vizinha.

Ela – A que está morta?

Ele – A outra vizinha.

Ela – O que queria?

Ele – Queria saber se, por acaso, o cheiro a cadáver vinha da nossa casa.

Ela – Ela disse mesmo «cadáver»?

Ele – Acho que se referia a um animal morto. Um gato, por exemplo. O dela desapareceu há umas semanas.

Ela – E o que lhe respondeste?

Ele – Disse-lhe que não sentia cheiro nenhum...

Ela – Fizeste bem.

Ele – É melhor não nos metermos naquilo que não nos diz respeito.

Ela – Quem quer viver feliz, que viva escondido...

Ele – E nós somos felizes?

Ela – O que achas?

Silêncio.

Ele – Que estranho... Contou-me uma história muito curiosa...

Ela – Quem?

Ele – A vizinha!

Ela – Que história?

Ele – Não sei se vais querer ouvir isto agora.

Ela – Ou contas tudo ou não devias ter começado...

Ele – Lembras-te do que nos disse o agente imobiliário quando comprámos a casa?

Ela – O quê?

Ele – Que a casa estava à venda porque os donos tinham morrido.

Ela – Sim... Deve ser por isso que nunca os conhecemos.

Ele – O que o agente imobiliário não nos disse foi como morreram...

Ela – Pois é. É estranho terem morrido os dois ao mesmo tempo.

Ele – Sim...

Ela – Como morreram?

Ele – Ela abriu-lhe o crânio com um golpe de machado...

Ela – A sério...? E onde?

Ele – Aqui, no jardim.

Ela – Não me digas! E depois?

Ele – Depois atirou-se do segundo andar para o pátio.

Ela – Para o pátio? Queres dizer, o jardim? O nosso jardim...?

Silêncio.

Ele – Nunca percebi por que razão a casa esteve tanto tempo à venda.

Ela – E porque não apareceu comprador, mesmo a um preço tão baixo.

Ele – De facto, fizemos um bom negócio.

Ela – Achas?

Ele – Não sei...

Ela – Se calhar foi por isso que pintaram tudo de novo.

Ele – Para apagar todos os vestígios de sangue...

Uma pausa.

Ela – Tens a certeza de que é a casa ao lado que cheira a morte?

Ele – O que queres dizer?

Ela – Talvez venha daqui.

Ele – Não, isso é impossível. Quando a polícia cá veio e descobriu a tragédia, levou os corpos, com certeza.

Ela – Por vezes acontecem fenómenos estranhos em casas onde se deram tragédias destas...

Ele – É verdade que, da primeira vez que visitámos esta casa, já tinha sentido qualquer coisa.

Ela – E não me disseste nada?

Ele – A casa era tão barata...

Ela – Agora percebo porquê.

Ele – Eu também...

Silêncio.

Ela – Olha, parece que a vizinha voltou de férias...

Ele – Achas?

Ela – As portadas estão abertas...

Ele – Pelo menos ela não está morta.

Ela – Não... Ainda não...

Ele – Portanto, o cheiro não vem de casa dela.

Ela – Ou então é o gato...

Ele – Vamos dizer que é o gato.

Ela – Sim, deve ser o gato.

Silêncio.

Ele – Então, o que fazemos? Vamos ou não vamos?

Ela – Aonde?

Ele – À festa dos vizinhos!

Ela – Não sei se é boa ideia.

Ele – Tens razão.

Ela – Já os estou a imaginar a olhar-nos de lado e a cochichar.

Ele – «São aqueles.»

Ela – «Os que vivem na casa onde aconteceu aquela carnificina.»

Ele – Sim... A perguntar-se quando chegará a nossa vez.

Ela – A nossa vez?

Ele – De nos matarmos um ao outro.

Ela – Achas que podíamos chegar a esse ponto?

Ele – Aborrecemo-nos tanto...

Ela – Temos um machado?

Silêncio. Ele volta a farejar o ar.

Ele – E se fôssemos nós...

Ela – Nós?

Ele – A cheirar a podre.

Olham um para o outro, perplexos. Escuro.

ATO 4

Ele entra primeiro e observa o local. Ela junta-se a ele.

Ele – Então, Comissária, o que acha?

Ela – Acho que estão ambos mortos.

Ele – Sim... Também pensei nisso quando vi que a cabeça dele se tinha separado do corpo e rolado mais de dois metros para longe do tronco...

Ela – E que a cabeça dela se tinha desfeito nos ladrilhos do pátio como uma melancia demasiado madura.

Ele – Mas o que eu queria saber, Comissária, era o que pensa deste caso...

Ela – Não penso nada, meu caro. Observo e deduzo, só isso. Como Sherlock Holmes ou o inspetor Columbo. Um bom polícia não pensa. Observa e tira conclusões daquilo que vê.

Ele lança-lhe um olhar perplexo e continua a examinar a cena.

Ele – Pergunto-me o que terá acontecido para que um casal aparentemente sem problemas acabasse a massacrar-se com tanto entusiasmo.

Ela – E o que o leva a pensar que foi um homicídio?

Ele – Ela ainda segurava o machado com que o decapitou.

Ela – Não se deixe enganar pelas aparências, Inspetor. Podem pregar-lhe partidas. Além disso, não reparou que, antes de decapitar o marido, ela tinha abatido uma macieira no jardim. Provavelmente com o mesmo machado.

Ele – Pois é, não tinha reparado. Também não percebo nada de árvores.

Ela – Nem eu.

Ele – Então, como sabe que era uma macieira?

Ela – Porque vi maçãs nos ramos.

Ele – Também não tinha reparado nisso...

Ela – Se visse peras, deduziria que era uma pereira. Cerejas, uma cerejeira. Observação, dedução. Nunca se esqueça, Inspetor.

Ele – Não me esquecerei, Comissária.

Ela – O que sabemos deste... casal sem problemas, como lhe chamou?

Ele consulta um bloco de notas.

Ele – Ele era dramaturgo... Ela, atriz...

Ela – Um dramaturgo conhecido?

Ele – Uma das peças dele teve algum sucesso há uns anos.

Ela – Ah, sim? Qual?

Ele – *Um Sonho de Casa*...

Ela – Nunca ouvi falar. A última vez que fui ao teatro vi *A Gaiola das Loucas*, aquela comédia sobre um casal nada convencional.

Ele – Não gostou...?

Ela – Gostei, pois. Justamente por isso preferi ficar com uma boa recordação. E ela?

Ele – Fazia sobretudo papéis secundários... E cada vez menos, aliás. Parece que este ano lhe faltavam alguns contratos para conservar os apoios de que os profissionais do espetáculo beneficiam entre trabalhos.

Ela – Isso podia ser motivo para um suicídio. Mas não para um homicídio. Tinham antecedentes?

Ele – Um obscuro caso de plágio. Um furto numa loja. Uma fraude nas prestações familiares. Nada de especial...

Ela – Tinham filhos?

Ele – Não. Daí a fraude nas prestações familiares.

Ela – Estou a ver... Disse que houve um furto numa loja?

Ele – Sim.

Ela – Foi ele ou ela?

Ele – Ela.

Ela – Perfume? Maquilhagem? Lingerie? É normalmente isso que as mulheres roubam nas lojas...

Ele consulta o bloco de notas.

Ele – Um machado.

Ela – Um machado? Então pode ter havido premeditação...

Ele – Se foi esse machado que usou para decapitar o marido.

Ela – Por que razão roubaria um machado se já tivesse um?

Ele – Não sei... Algumas mulheres roubam pelo prazer de roubar...

Ela – Um machado?

Ele – Realmente, um machado... é bastante invulgar.

Ela – Um machadinho, vá lá. Seria mais feminino... Ou uma faca de pão. Talvez uma lima de unhas.

Ele – Para cortar uma árvore?

Ela – Era uma árvore pequena, Inspetor. Também não reparou nisso?

Ele – E quanto ao... plágio, Comissária, o que acha?

Ela – Não sabe o que significa, pois não?

Ele – Digamos que... não tenho bem a certeza.

Ela – Plagiar é roubar.

Ele – Como roubar um machado numa loja de bricolagem?

Ela – Sim. Só que a loja de bricolagem é o cérebro de um escritor, e são as ideias dele que o plagiador rouba.

Ele – Estou a ver... Um pouco como um vampiro que suga o sangue das vítimas... Talvez ela lhe tenha aberto o crânio para remexer no cérebro e roubar o que lá estava...

Ela – E porque haveria de se atirar da janela a seguir?

Ele – O que é que uma atriz poderia roubar a um dramaturgo?

Ela – As falas dele, provavelmente. É um defeito habitual entre os atores. Acabam por se convencer de que escreveram o texto que interpretam.

Ele – A sério?

Ela – Conheci um ator de tragédias que acabou por acreditar que era o autor de todas as peças de Racine, um célebre dramaturgo francês.

Ele – Acabou internado num manicómio, imagino.

Ela – Acabou na Academia Francesa.

Ele – A Academia Francesa...?

Ela – Uma espécie de tribunal constitucional das letras francesas, encarregado de zelar pela língua e de reunir escritores ilustres. Ou, se preferir, um lar de idosos. Só que, em vez de jogarem Scrabble, decidem que palavras se podem aceitar no Scrabble.

Ele – E isso é grave, Comissária?

Ela – O quê?

Ele – O plágio!

Ela – Somos todos falsificadores, meu caro. Limitamo-nos a repetir as frases feitas que aprendemos na escola, deformando-as pelo caminho. Se prendêssemos toda a gente que não é verdadeiramente autora dos disparates que diz da manhã à noite, quase ninguém ficaria em liberdade, acredite.

Ele – Mas, como dizia Michel Audiard, o autor francês de diálogos mordazes: «Um intelectual sentado não vai tão longe como um idiota a andar.»

Ela – Essa frase é de Jacques Audiberti, outro escritor francês.

Ele – Não conheço...

Ela – «Um idiota a andar vale mais do que dez intelectuais sentados.» Até Michel Audiard plagiava os colegas de vez em quando. Embora neste caso não saiba ao certo quem plagiou quem.

Ele – No fundo... não inventámos nada.

Ela – A vida é uma luta constante contra a mediocridade: primeiro plagiamos os outros, depois acabamos por nos plagiar a nós próprios...

Ele – Isso que diz é tão inteligente... Não tenho a certeza de perceber tudo...

Ela – A verdadeira inteligência, Inspetor, é saber quando fechar a boca. Pouca gente é capaz disso. Até eu dou por mim, às vezes, a dizer frases... que não são minhas.

Ele – E essa é sua, Comissária?

Ela – Infelizmente não. Recolha um pedaço daquela melancia e ponha-o num saco térmico. Vamos enviá-lo ao laboratório para análise.

Ele – Sim, Comissária.

Ela – E não se esqueça de pôr luvas...

Ele – Para não contaminar a amostra.

Ela – Sim... E sobretudo para não sujar as mãos...

Ele – E não sujar a casa.

Ela – Seria uma pena. Está tudo tão limpo aqui.

Ele – Dizem que mandavam pintar as paredes todos os anos.

Ela – Depois de cada crime, provavelmente.

Ele – Acha que houve mais do que um?

Ela – Já lhe disse que não acho nada.

Ele sai. Ela observa o local, fareja o ar, põe-se de gatas e cheira tudo à sua volta como um cão-polícia. Ele regressa e fica a olhar para ela, perplexo.

Ele – Encontrou alguma pista, Comissária?

Ela levanta-se.

Ela – Confie no meu faro, Inspetor: esta casa cheira a morte.

Ele – Temos aqui dois cadáveres. É normal, não?

Ela – O que quero dizer é que cheira a podre. A carne em decomposição, se preferir. Mas este casal morreu há muito pouco tempo.

Ele – Como sabe?

Ela – Quando chegámos, o cérebro dela ainda estava a fumegar.

Ele – É verdade que não está muito calor. Mas, se me permite, Comissária, creio que o fumo vinha de um cigarro mal apagado. Encontrei a beata num canto do pátio.

Ela – Ainda por cima. Se o último cigarro continua a fumegar, é porque o condenado morreu há muito pouco tempo. *(Volta a farejar.)* Este caso cheira a podre, digo-lhe...

Ele – E que conclusões retira dessas observações, Comissária?

Ela – Há pelo menos três conclusões possíveis.

Ele – Estou a ouvi-la.

Ela – Ou as vítimas já cheiravam a podre quando estavam vivas.

Ele – Sim...

Ela – Ou o cheiro vem de outros cadáveres mais decompostos que ainda não descobrimos. Por exemplo, corpos enterrados na cave.

Ele – Quanto tempo pode um homem ficar debaixo de terra antes de começar a apodrecer?

Ela – Bom, isso se já não estava podre antes de morrer...

Ele – Essa frase também não é sua...

Ela – Não.

Ele – Então é de quem, chefe?

Ela – Shakespeare. Em *Hamlet*. Supondo, claro, que tenha sido ele a escrever as suas próprias peças.

Ele – Acha que Shakespeare também era um plagiador?

Ela – Quem sabe...

Ele – E qual é a terceira hipótese, Comissária?

Ela – E se fôssemos nós a cheirar a podre...?

Ele – Nunca me teria ocorrido...

Ela – É por isso que sou comissária e o senhor é apenas inspetor.

Ele – Claro, Comissária.

Ela – Tenho refletido muito sobre a natureza humana. Cheguei a algumas conclusões que talvez ponha num livro quando me reformar, para proveito das gerações futuras.

Ele – A sério? E que género de livro, Comissária? Um romance policial?

Ela – Mais... uma espécie de Bíblia.

Ele – Já percebi... Uma «bíblia» para uma série policial, com todas as regras e personagens...

Ela – Ó Inspetor! Uma Bíblia a sério! Uma espécie de novo Novo Testamento.

Ele – Ah, está bem...

Ela – Quer ouvir, em primeira mão, algumas das minhas reflexões?

Ele – Porque não...?

Após um breve silêncio, para criar um efeito dramático.

Ela – Sabe quantos seres humanos já viveram e morreram nesta Terra antes de nós, Inspetor?

Ele – Não.

Ela – Uns cem mil milhões. Para cada pessoa viva, existem mais de dez mortos, nos cemitérios e noutros lugares.

Ele – Ah, sim. É muita gente.

Ela – E a situação não vai melhorar, acredite.

Ele – Ah, não?

Ela – Verá. À medida que envelhecemos, acabamos por conhecer mais pessoas mortas do que vivas.

Ele – É verdade...

Ela – E há de chegar um dia em que na Terra só haverá mortos.

Ele – O fim do mundo, quer dizer?

Ela – Pelo menos o fim da humanidade. Ao ritmo a que vamos, não deve tardar. A Terra será então apenas uma casa vazia, assombrada por todos os mortos que a ocuparam desde os primórdios da humanidade.

Ele – Que bonito, Comissária.

Ela – Infelizmente, não é de minha autoria.

Ele – Então quem foi?

Ela – Imagino que o autor desta peça. A menos que também seja um plagiador vulgar.

Ele – E quanto a este duplo homicídio, o que fazemos?

Ela – Temos de seguir o fio destes acontecimentos trágicos, desde o último homicídio até à primeira vítima desta assassina em série.

Ele – Acha que estamos perante uma assassina em série?

Ela – A Morte! É ela a responsável por todas estas mortes! Não existe morte natural, Inspetor. Toda a morte é um homicídio. Foi a Morte que assassinou toda esta gente!

Ele – Mas quando diz seguir os acontecimentos para trás, quer dizer...?

Ela – O primeiro homicídio! O primeiro caso criminal da história.

Ele – Que caso?

Ela – Caim e Abel, evidentemente.

Ele – Nunca ouvi falar desse caso. Caim e Abdel, disse?

Ela – Nunca leu a Bíblia? Nem Victor Hugo, o poeta francês? «O olho estava na sepultura e fitava Caim.» Não lhe diz nada?

Ele – Não. Uma câmara escondida numa sepultura?

Ela – Deus foi o primeiro a inventar a videovigilância, Inspetor. Nós, os polícias, somos apenas os seus humildes servidores.

Silêncio.

Ele – Então acha que um dia a Terra pode desaparecer?

Ela – A Terra é como uma casa. Compramo-la a alguém quando chegamos e vendemo-la a outro quando partimos, na esperança de ter algum lucro. Parece-nos que sempre

existiu e que existirá para sempre. No entanto, alguém a construiu um dia e alguém acabará por destruí-la.

Ele – Também começo a sentir o cheiro.

Ela – Que cheiro?

Ele – O cheiro da morte.

Ela – Esse cheiro, meu caro, é o da vida antes de nós. Dos cem mil milhões de seres humanos que nos precederam. A Terra é um ossário, uma vala comum, um cemitério gigantesco sob a lua.

Ele – Presumo que essa frase também não seja sua...

Ela – Quem sabe... Às vezes também improviso. Já viu *A Noite dos Mortos-Vivos*?

Ele – Aquele filme em que os cadáveres saem das sepulturas e vão pela cidade à procura de carne fresca para comer?

Ela – Cem mil milhões, imagine! Sem contar com os animais selvagens, que em breve teremos exterminado, e os domésticos, que criamos em jaulas e abatemos em massa para os comer aos domingos, depois da missa, num churrasco com os amigos.

Ele – É verdade que sabe bem fazer um churrasco...

Ela – Imagine que uma noite voltam todos para nos devorar: todos aqueles frangos, porcos e vitelos que matámos nos matadouros!

Ele – Sim, é de arrepiar...

Ela – Já para não falar dos legumes!

Ele – Legumes? Está a falar de batatas fritas?

Ela – Imagine! *A Noite dos Mortos-Vivos*, só que com batatas, cenouras e nabos a sair da terra durante a noite para nos comer! Imagine, Inspetor!

Ele – Estou a tentar, Comissária. Estou a tentar... E que fazemos a estes dois?

Ela – O que acha da casa?

Ele – Não é má.

Ela – Não é má?

Ele – Não, é verdade que é absolutamente perfeita.

Ela – Ando precisamente à procura de uma casa nesta zona. Mas com o ordenado miserável que nos pagam todos os meses... E olhe que ganho três vezes mais do que o senhor.

Ele – Não precisa de obras. Perto de todas as lojas. Com uma escola aqui ao lado.

Ela – Agora deve ser posta à venda.

Ele – Agora?

Ela – Agora que os proprietários morreram.

Ele – Conseguia viver numa casa onde aconteceram coisas tão terríveis?

Ela – O senhor não?

Ele – Acho que teria pesadelos...

Ela – Portanto, acha que vão vendê-la mais barata?

Ele – Acho que esta casa é impossível de vender...

Ela – Também acho.

Ele – Para os vizinhos será sempre a casa da carnificina. A casa do crime.

Ela – Conhece aquele quadro de Paul Cézanne, *A Casa do Enforcado*?

Ele – Quem?

Ela – Nem sequer sabemos se alguém se enforcou naquela casa. Talvez tivesse pertencido a um homem da Bretanha, uma região francesa, chamado Pen'Du, nome que, em francês, soa a «enforcado».

Ele – Ah, sim, um bretão...

Ela – Mas imagine a dificuldade para um agente imobiliário. Quem quer comprar a casa de um enforcado? E essa ainda ficou famosa num quadro. Mas, por cada casa de enforcado pintada por Cézanne, quantas outras terão sido palco de um enforcamento sem ninguém saber?

Ele – Quem se quer enforcar tem de se enforcar em algum lado.

Ela – Noutro sítio, não na minha casa. Isso desvalorizava-a. Daí aquela expressão.

Ele – Que expressão?

Ela – Vá enforcar-se a outro lado!

Ele – Ah, pois...

Ela – E se comprássemos esta casa?

Ele – Nós?

Ela – Por uma pechincha. O senhor e eu. Deve ter algumas poupanças, não?

Ele – Conseguíamos comprá-la barata, sem dúvida. Mas disse que era impossível vendê-la.

Ela – Compramo-la por quase nada, esperamos que as pessoas se esqueçam do caso, pintamo-la de novo e vendemo-la com um belo lucro.

Ele – E, entretanto, quem vive aqui?

Ela – O senhor e eu!

Ele – O senhor e eu?

Ela – Não gosta de mim, Inspetor?

Ele – Gosto, gosto, claro, só que...

Ela – O quê?

Ele – Não, não é nada... *(Uma pausa.)* E eu, agrado-lhe, Comissária?

Ela olha para ele com surpresa.

Ela – Estava a brincar, meu caro.

Ele – Claro, Comissária.

Ela – Já nos conhecemos demasiado bem. Acabaríamos por nos aborrecer.

Ele – Talvez até começássemos por aí.

Ela – E, pela minha experiência, é precisamente para fugirem ao tédio que muitos casais acabam por se massacrar em casa.

Ele – Acha que ela lhe rachou o crânio e depois saltou da janela só para dar um pouco mais de emoção à vida conjugal?

Ela – É casado, Inspetor?

Ele – Não.

Ela – Então não pode compreender.

Escuro.

ATO 3

Ele está sentado, imóvel. Ela chega da rua com uma gabardina vestida e um machado na mão.

Ele – Está tudo bem?

Ela – Sim.

Ela tira a gabardina.

Ele – Tiveste um bom dia?

Ela – Lá se passou.

Ele – Está bem. *(Silêncio, enquanto ela afia o machado com uma pedra.)* Tens alguma coisa para me dizer?

Ela – O que poderíamos dizer um ao outro que ainda não tenhamos dito? Só íamos repetir-nos, não é?

Ele – Certo... E... se me permites perguntar... O que estás a fazer com esse machado?

Ela – Ah... Essa é uma pergunta que ainda nunca me tinhas feito...

Ele – Talvez porque é a primeira vez que chegas a casa com um machado...

Ela – Exatamente... É a primeira vez... Resolvi surpreender-te, meu velho tronco...

Ele – Também é a primeira vez que me chamas «velho tronco»... E então?

Ela – Vou abater a árvore que está no fundo do jardim.

Ele – Com um machado?

Ela – Pois claro! Não com uma lima de unhas.

Ele – E o que é que a árvore te fez?

Ela – Está podre.

Ele – Podre?

Ela – Podre por dentro. Basta uma rajada de vento para nos cair em cima.

Ele – Raramente estamos debaixo dela.

Ela – Podemos querer fazer um churrasco.

Ele – Nunca fazemos churrascos. E nem sequer sei onde fica essa árvore.

Ela – Não me admira. Já nem sais de casa. Nem para ir ao jardim.

Ele – Não sabia que tínhamos um machado.

Ela – Não tínhamos.

Ele – Então compraste um machado...

Ela – Não o comprei. Roubei-o.

Ele – É bastante grande... Como se rouba um machado?

Ela – Não se rouba. O segurança apanhou-me à saída. Acabei por ter de pagar.

Ele – Podemos perfeitamente pagar um machado. Porque é que não querias pagar?

Ela – Para não haver fatura, evidentemente!

Ele – E para que serve comprar um machado sem fatura?

Ela – Sem fatura, não há rasto! Se comprasses uma pistola para matar alguém, preferias não deixar fatura, não?

Ele – Sim, imagino... Embora me custe imaginar. Nunca comprei uma pistola. E também nunca matei ninguém. Até hoje...

Ela – Tens razão. Comprar uma pistola pode levantar suspeitas. Mais do que comprar um machado, mesmo com fatura...

Ele – Portanto, tens consciência de que se trata de um ato grave, para não dizer criminoso...

Ela – Tenho, podes estar descansado.

Ele – Ainda compreenderia que alguém abatesse uma árvore num acesso de fúria. Um plátano, por exemplo, porque se atirou para a frente do carro mesmo quando ias tranquilamente ao volante, completamente bêbado. Mas assim, a sangue-frio. Com um machado que arranjaste de propósito... É uma execução! Um homicídio premeditado. Aviso-te que não serei cúmplice de semelhante crime.

Ela – Não te preocupes, não vais participar nesta carnificina. *(Em voz mais baixa.)* Pelo menos, não como cúmplice...

Ele – Porquê agora?

Ela – Já te disse, está podre.

Ele – Desde quando?

Ela – Não sei... Foi acontecendo aos poucos. Quando o bicho está na fruta... às vezes acaba por atacar a árvore.

Ele – Nem sabia que tínhamos uma árvore no jardim. Que árvore é?

Ela – Uma macieira.

Ele – Temos uma árvore de fruto no jardim?

Ela – Está meio morta. Há muito que não dá maçãs.

Ele – Isso não é motivo para a abateres assim.

Ela – Esta árvore desiludiu-me muito. Tinha grandes esperanças nela.

Ele – Dizes que está meio morta. Portanto, ainda está meio viva.

Ela – É tarde demais. Prefiro pôr fim ao sofrimento dela.

Ele – Ainda podia dar umas maçãs.

Ela – É precisamente isso que lhe censuro.

Ele – Como?

Ela – Durante toda a vida, esta árvore só deu maçãs. E, se ainda sobrevivesse mais dez ou vinte anos, continuaria a dar apenas maçãs.

Ele – As macieiras dão maçãs. O que é que esperavas?

Ela – Que me surpreendesse.

Ele – E, por isso, preferes abatê-la.

Ela – Para quê continuar? Esta árvore tornou-se tão previsível. E não há nada mais deprimente do que a previsibilidade.

Ele – E o que vais fazer ao tronco?

Ela – Ao tronco? O mesmo que à cabeça, imagino. Vou cortar tudo aos bocados, meter em sacos de plástico e deitar os pedaços no lixo da rua, aos poucos. Um bocadinho por dia, para os homens da recolha não repararem.

Ele – Não repararem em quê?

Ela – Não é permitido deitar ramos velhos no lixo doméstico. Nem sequer cortados em pedaços.

Ele – Mais uma razão para não abateres a macieira.

Ela – Já chega de conversa. Quanto mais depressa acabar com isto...

Ela dá um passo para sair. Ele levanta-se e coloca-se à frente dela.

Ele – E se eu não concordasse?

Ela – Ah, sim? E o que farias?

Ele – Podia impedir-te.

Ela – Impedir-me? Tu?

Ele – Precisamente. E tu, se eu tentasse impedir-te, o que farias?

Ela – Não sei... *(Ergue o machado.)* Podia partir-te o crânio com este machado, por exemplo. Só para ver se realmente tens um cérebro lá dentro.

Uma pausa.

Ele – Portanto, ainda estás zangada comigo por eu ter assinado como autor o argumento desta peça, em vez de ti...

Ela – Chama-se plágio, não chama?

Ele – Já te disse cem vezes que era melhor assim. Eu já tinha alguma fama como autor. Isso dava confiança ao produtor.

Ela – Dava-te confiança a ti, sobretudo. Finalmente assinavas alguma coisa de jeito...

Ele – A peça foi um fracasso.

Ela – Algumas peças têm uma segunda oportunidade. *Ruy Blas*, de Victor Hugo, foi mal recebida na estreia, acabou por se tornar um clássico e até inspirou um filme cómico com Yves Montand e Louis de Funès: *La Folie des grandeurs*, que significa «delírios de grandeza».

Ele – Delírios de grandeza... Devias tratar-te, isso sim. Agora julgas que és o Victor Hugo?

Ela – Porque não? *Ruy Blas* também é a história de um impostor. Embora ao herói não falte grandeza.

Ele – *A Casa dos Nossos Sonhos*? Achavas mesmo que ias entrar para a história da literatura com isso?

Ela – Mas não te importaste de assinar o manuscrito!

Ele – Aliás, pergunto-me se não te inspiraste um bocadinho naquele filme sobre delírios de grandeza para escrever essa porcaria.

Ela – Agora és tu que me chamas plagiadora! Isto é o mundo ao contrário!

Ela avança com o machado em atitude ameaçadora. Ele recua prudentemente um passo.

Ele – Não te esqueças de que, no fim, emitiram uma fatura. E a direção da loja deve ter comunicado o caso à polícia. Já tens antecedentes por furto.

Ela – E tu por plágio. Não é a primeira vez que te aproprias de um texto escrito por outra pessoa.

Ela levanta o machado.

Ele – A polícia vem cá. Nunca conseguirás fazer passar isto por um crime passional. Vais apanhar prisão perpétua.

Ela – Foi ao casar contigo que apanhei prisão perpétua... *(Baixa o machado, como se se resignasse.)* Mas tens razão... Seria demasiado arriscado. Não vale a pena...

Ele – Vá, pousa esse machado. Ainda vais magoar alguém.

Ela – Pergunto-me porque viemos enterrar-nos aqui...

Ele – Sim, eu também...

Ela – Não sei porquê, mas sempre senti que havia qualquer coisa errada nesta casa.

Ele – O quê?

Ela – Não sei...

Ele – Como uma maldição.

Ela – E se nos mudássemos?

Ele – Com que dinheiro? Infelizmente, não é com a tua obra-prima que vamos pagar o empréstimo da casa. Nem com os teus honorários de atriz, aliás.

Ela ergue de novo o machado, ameaçadora.

Ela – Isso é uma crítica?

Ele – Não te atreverias. Parecia uma má comédia de boulevard, daquelas farsas de adultério e portas a bater.

Ela – Uma mulher que corta o marido aos bocados com um machado?

Ele – Um filme de terror de série Z, se preferires.

Ela – Por outro lado...

Ele – O quê?

Ela – Há filmes péssimos que vendem muito bem...

Ele – Por exemplo?

Ela – *Massacre no Texas*, aquele filme do assassino com motosserra.

Ele – Aqui é só um machado. E só uma mulher a matar o marido.

Ela – Quando o orçamento é pequeno...

Ele – Desculpa, mas não acredito.

Ela – Pensa no primeiro homicídio da história da humanidade.

Ele – Caim e Abel?

Ela – Um tipo que estrangula o irmão com as próprias mãos. Só isso. A investigação é uma câmara de vigilância que Deus instalou na sepultura do culpado. E o livro ainda hoje é um sucesso de vendas.

Ele – Sim, mas na altura ainda ninguém tinha feito isso. Hoje, até em matéria de homicídios, não é fácil surpreender.

Ela – Tens razão, é mesmo deprimente. Até me apetece suicidar-me. Bom, vou começar por dar cabo da macieira, a ver se descontraio...

Ela pega no machado e prepara-se para sair.

Ele – Vou pôr a mesa... e pensar noutro argumento.

Ela – Não preferes dar-me uma mãozinha?

Ele – Para fazer o quê?

Ela – Para abater aquela maldita macieira! Se não queremos que caia sobre a vedação do vizinho, devias empurrá-la do outro lado enquanto eu corto o tronco.

Ele – Está bem, mas tem cuidado. Um acidente acontece num instante...

Ela – Sobretudo quando se pega num machado pela primeira vez na vida...

Saem. Uma pausa.

Voz fora de cena – Cortem! Não foi esse o texto que eu escrevi, porra!

Escuro.

ATO 2

Ela já está em cena. Ele entra.

Ele – Tive um sonho muito estranho... Quer dizer, foi mais um pesadelo.

Ela – O quê?

Ele – Sonhei que me deixavas...

Ela parece embaraçada.

Ela – Sabes as tuas falas?

Ele – E tu não?

Ela – Sei, sei... Acho que sim.

Ele – Ensaiamos mais uma vez?

Ela – Está bem...

Ele – Dizem que o autor é um psicopata. Se mudarmos uma única palavra do texto dele, é capaz de nos matar.

Ela – E como também é o realizador...

Ele – É esse o problema do cinema de autor...

Ela – Vamos?

Ele – Saio e volto a entrar para fazer a minha entrada.

Ela – Eu também...

Saem ambos. Ele regressa passado um momento e senta-se. Ela entra, de gabardina e com um machado na mão.

Ele – Está tudo bem?

Ela – Sim.

Ela tira a gabardina.

Ele – Tiveste um bom dia?

Ela – Lá se passou.

Ele – Está bem. *(Silêncio, enquanto ela afia o machado com uma pedra.)* Tens alguma coisa para me dizer?

Ela – O que poderíamos dizer um ao outro que ainda não tenhamos dito? Só íamos repetir-nos, não é?

Ele – Certo... E... se me permites perguntar... O que estás a fazer com esse machado?

Ela – Ah... Essa é uma pergunta que ainda nunca me tinhas feito...

Ele – Talvez porque é a primeira vez que chegas a casa com um machado...

Ela – Exatamente... É a primeira vez... Resolvi surpreender-te, meu velho tronco...

Ele – Também é a primeira vez que me chamas «velho tronco»... E então?

Ela – Vou abater a árvore que está no fundo do jardim.

Ele – Com um machado?

Ela – Pois claro! Não com uma faca de pão.

Ele interrompe-se, perturbado.

Ele – Não com uma faca de pão?

Ela – Não é isso que devo dizer?

Ele – É, é... Mas essa fala... é uma parvoíce, não achas?

Ela – Pois, mas...

Ele – E se pedíssemos ao autor para a mudar? Podíamos dizer, sei lá... «Não com uma lima de unhas.» Não tinha mais graça?

Ela – Achas...?

Ele – Acho que sim.

Ela – Foste tu que disseste que o autor detesta que se mude uma única palavra do texto. E hoje parece estar com um humor assassino... Ainda por cima, temos um machado em cena...

Ele – Tens razão, ainda precisamos de mais estes trabalhos pagos para reunir os dias necessários e manter o apoio entre espetáculos este ano. Não é altura de sermos despedidos. Recomeçamos?

Ela – Está bem.

Ele concentra-se um instante e retoma.

Ele – Está tudo bem?

Ela – Sim.

Ela – Queria dizer-te uma coisa.

Ele *(surpreendido)* – Sim...?

Ela – Não é fácil.

Ele – O quê?

Ela – Vou deixar-te.

Ele – Isso não faz parte do texto, pois não?

Ela – Não, isso não.

Ele – Combinámos que não mudávamos o texto.

Ela – Acabaram de me oferecer um papel. O papel da minha vida...

Ele – Quem?

Ela – O autor. Quer dizer, o realizador.

Ele – Como assim, um papel?

Ela – Acabou de me pedir a mão.

Ele – A mão?

Ela – Sim, a mão... e o resto. Pediu-me em casamento, se preferires.

Ele – Aquele tipo tem cá uma lata... E o que lhe respondeste?

Ela – Disse que sim.

Ele – Assim, sem mais nem menos...? Pede-te a mão e tu dizes que sim?

Ela – Tu nunca me pediste a mão.

Ele – Um tipo que mal conheces?

Ela – Conheço-o um bocadinho melhor do que isso...

Ele – Ah, percebo... *(Uma pausa.)* Queres que nos casemos, é isso?

Ela – Desculpa. Entre nós acabou tudo.

Ele – Não percebo...

Ela – Não há nada para perceber.

Ele – Vais deixar-me... agora que acabámos de nos mudar para uma casa nova?

Ela – Ficas com a casa.

Ele – Queres dizer que me deixas a pagar o empréstimo sozinho...?

Ela – Não querias filhos. Esta casa já era grande demais para nós dois.

Ele – Podia ter mudado de ideias. Queres ter um filho?

Ela – É tarde demais.

Ele – Porquê?

Ela – Já estou grávida... Por isso não podia esperar mais para te contar.

Ele – Que estás grávida?

Ela – Que te vou deixar!

Ele – E se fosse meu?

Ela – Não é teu.

Ele – Como podes ter tanta certeza?

Ela – Não fazemos amor há seis meses.

Ele – Há tanto tempo? Tens a certeza?

Ela – Há tempo suficiente para saber que este bebé não é teu.

Silêncio, enquanto ele tenta absorver a notícia.

Ele – Muito bem...

Ela – Lamento imenso...

Ele – Está bem...

Ela – Vais conseguir? Quero dizer... filmar esta cena?

Ele – Vou conseguir... Somos profissionais, não somos? *The show must go on*... O espetáculo tem de continuar...

Ela – Acho que ele está à nossa espera...

Ele – Não te preocupes... Vamos filmar este... filme de autor.

Ela – Fico contente por estares a reagir assim.

Ele – E podes contar comigo para respeitar o texto à letra...

Voz fora de cena *– Se está tudo pronto, vamos filmar. Silêncio no local de rodagem!*

Silêncio.

Escuro.

ATO 1

Ele já está em cena. Ela chega.

Ele – Então, já se foi embora?

Ela – Volta daqui a uma hora, para termos tempo de pensar melhor.

Ele – E decidirmos se fazemos uma proposta... ou não.

Olham à sua volta.

Ela – Então, o que achas?

Ele – Nem acredito no que estou a ver.

Ela – Tu também...

Ele – Realmente, é absolutamente perfeita.

Ela – Até tem um jardim.

Ele – Jardim ou pátio?

Ela – Um pátio suficientemente grande para ter uma árvore.

Ele – Ah, sim?

Ela – Por mais que procure, não encontro um único defeito.

Ele – Sobretudo comparando com tudo o que vimos até agora.

Ela – Muitas vezes mais caro...

Ele – Muito mais caro.

Ela – Tem de haver um erro no preço, não é possível.

Ele – Esqueceram-se de acrescentar um zero.

Ela – Ou então estão com muita pressa.

Ele – Quem são os proprietários?

Ela – O agente imobiliário disse que morreram.

Ele – Nesse caso, não têm pressa nenhuma.

Ela – Talvez os herdeiros tenham.

Ele – Disse que a casa está à venda há vários anos.

Ela – Como é que pode estar em tão bom estado?

Ele – Parece que acabaram de fazer uma limpeza.

Ela – Não percebo.

Ele – Achas que há aqui qualquer coisa mal contada?

Ela – Por mais que olhe, não vejo nada.

Ele – O bairro também parece muito sossegado. E bastante abastado.

Ela – O encanto de uma casa antiga com todo o conforto moderno.

Ele – Renovação total.

Ela – Sem obras para fazer.

Ele – Já estamos a falar como o agente imobiliário.

Ela – É incrível... Parece que nunca ninguém viveu nesta casa.

Ele – Estas paredes todas de um branco imaculado...

Ela – Está tudo tão limpo... que até assusta.

Ele – Pois... É estranho...

Ela – O quê?

Ele – Não, nada. É uma parvoíce.

Ela – Vá lá, diz... Estamos prestes a contrair uma dívida para meio século. Talvez passemos o resto da vida nesta casa... Se tens alguma coisa para dizer, é agora.

Ele – Não sei... Tenho uma sensação estranha.

Ela – Uma sensação?

Ele – Não sentes qualquer coisa?

Ela – Não... Não sinto nada...

Ele – Como um cheiro a...

Ela – Um cheiro a quê?

Ele – Não sei. Um cheiro... a corpos.

Ela – Um cheiro corporal, queres dizer? Como num autocarro à hora de ponta?

Ele – Sim, qualquer coisa assim... Só que os passageiros já teriam saído.

Ela – Talvez seja o agente imobiliário... Não me pareceu lá muito asseado.

Ele – Mas ele foi-se embora há um quarto de hora. Não ia deixar a casa inteira a cheirar assim.

Ela – Ou então somos nós...

Ele – Nós?

Ela – Passámos a manhã inteira a correr de um lado para o outro. Mesmo com um bom desodorizante...

Ele – Não, garanto-te... Não é esse género de cheiro.

Ela – Não sinto nada... Tens a certeza?

Ele – Acho que sim...

Ela – Que espécie de cheiro?

Ele – Não sei... Como... o cheiro de todos os que cá estiveram antes de nós.

Ela – Antes de nós? Nesta casa?

Ele – Os proprietários passam. As casas ficam.

Ela – Mas daí a deixarem o cheiro...

Ele – Gostava de saber a quantas pessoas já pertenceu esta casa.

Ela – O notário pode dizer-nos, não pode?

Ele – Achas?

Ela – Ou podemos consultar o registo da propriedade. Recuar até ao primeiro dono. À pessoa que mandou construir a casa. A primeira a habitá-la.

Ele – Quando ainda estava virgem de moradores. De recordações...

Ela – Quando não passava de um terreno para construir.

Ele – Uma licença de construção.

Ela – Um projeto de construção.

Ele – Uma planta.

Ela – Uma simples ideia.

Ele – Um desejo.

Ela – Quando esta casa era apenas um sonho de casa.

Ele – No fundo, se recuarmos o suficiente, não existe outra realidade senão os sonhos.

Ela – Temos de tentar explicar isso ao gerente do banco.

Ele – Tens razão. Porque, para pedir um empréstimo deste tamanho...

Ela – Quando se vive de contratos temporários no mundo do espetáculo...

Ele – E nem sequer sabemos se vamos ter trabalhos suficientes para manter esses direitos.

Silêncio.

Ela – Então, o que fazemos?

Ele – Acho que temos de decidir. A este preço, a casa não vai ficar muito tempo no mercado.

Ela – É verdade que está barata para uma casa tão bonita, mas será que podemos mesmo pagar?

Ele – Com um empréstimo a cinquenta anos, a prestação mensal fica mais baixa.

Ela – Mesmo assim, vamos ter de deixar de sair para conseguir pagar as prestações.

Ele – Ou arranjar outras fontes de rendimento.

Ela – Tens alguma ideia?

Ele – A casa é grande. Podíamos alugar um quarto a turistas de passagem, pessoas em viagem de negócios, casais que se encontram às escondidas...

Ela – Claro... Porque não abrir também um bordel no primeiro andar e um casino clandestino na cave?

Ele – Ou então alugamos a casa para filmagens.

Ela – Filmagens?

Ele – Para rodar filmes.

Ela – Ah, sim?

Ele – Tenho um amigo que faz isso. Diz que se pode ganhar muito dinheiro quando a casa é interessante e corresponde exatamente ao que o realizador procura.

Ela – Que espécie de filmes é que se poderiam rodar aqui?

Ele – Não sei... Filmes pornográficos?

Ela – Imagina que os nossos amigos reconhecem a casa.

Ele – Se a reconhecerem, é porque veem filmes pornográficos... Duvido que venham contar-nos...

Ela – Pois, claro.

Ele – Preferes filmes de terror?

Ela – Há outros géneros, não? Comédias românticas...

Ele – Quando pensamos em tudo o que poderá ter acontecido nesta casa desde que foi construída...

Ela – Pois... Já deve ter servido de cenário a toda a espécie de cenas da vida conjugal.

Ele – Filmes de todos os géneros...

Ela – Espero que não sejam filmes de terror.

Ele – Sobretudo discussões conjugais, suponho.

Ela – Vamos tentar não exagerar...

Ele – Uma casa vazia, entre a saída de uns moradores e a chegada de outros, é como um palco de teatro sem cenário. Ou um estúdio de cinema entre duas filmagens.

Ela – Os atores acabaram de sair, levando o cenário com eles.

Ele – Outros virão, trazendo os seus próprios adereços e a sua própria história.

Ela – Quem chega nada sabe da peça que acabou de terminar.

Ele – E ainda pouco sabem da peça que estão prestes a representar.

Ela – Tragédia ou comédia? Ou tragicomédia...

Ele – Entre duas representações, fica apenas o palco vazio. Mas no ar permanece o cheiro de todos os que por ele passaram.

Ela – Esse cheiro a vida e a morte é o cheiro do teatro.

Uma pausa.

Ele – Então, ficamos com ela?

Ela – É a casa dos nossos sonhos, não é?

Ele – Sim.

Ela – Isso dá-me uma ideia.

Ele – Uma ideia de casa?

Ela – Uma ideia para uma peça...

Ele – Uma peça de teatro? E como se chamaria?

Ela – *A Casa dos Nossos Sonhos*...

Ele – Se a peça tiver sucesso, talvez nos ajude a pagar a casa.

Dão as mãos e olham felizes à sua volta e depois em frente.

Escuro.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/
https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Outubro de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-262-3

Documento para download gratuito